



# Inibição (*Hemmung*), sintoma (*Symptom*) e angústia (*Angst*): reflexões e enlaces com outras ciências e trabalhos de Freud

*Roaldo Naumann Machado\*, Porto Alegre*

*O autor, neste trabalho, após uma introdução na qual procura uma aproximação da psicanálise com a moderna biologia, refere-se ao texto de Sigmund Freud, Inibição, sintoma e angústia. Relaciona, primeiramente, inibição e sintoma. Com referência à angústia, aproxima-a aos conceitos freudianos de Nachträglichkeit (a posteriori), recalque primordial e filogênese. Após duas breves vinhetas clínicas, estabelece conotações com os também conceitos freudianos de dor, luto e pulsão de morte (Tânatos) sob um prisma da psicanálise relativizada à biologia.*

*Descritores: Inibição. Sintoma. Angústia sinal e angústia traumática. Pulsão de morte. Instinto. Filogênese. Eu de realidade inicial. Biologia e psicanálise.*

---

\* Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



## Introdução

Não sabemos se será possível estabelecer uma relação entre aspectos tão díspares como os estudados, de uma forma extensa, pelos biólogos e um texto tão particular de Freud, como *Inibição, sintoma e angústia* (1926d), embora Freud, em grande parte dos seus escritos, inclusive neste, estabeleça correlações com a ciência biológica. Esta mesma suposição alcança a relação entre a psicanálise e outras ciências, como a biologia e a física. Não é demais levarmos em conta o escrito por Freud no prefácio do *Eu e o id* (1923b):

Devo, contudo, admitir que, não obstante minha ambição de que essas novas formulações tenham grande alcance [Freud refere-se aqui à biologia], sei que, na verdade, não passam de aproximações precárias dos processos psíquicos, mas enfim, é preciso conviver com essa limitação (p. 27).

Fazem-se necessárias algumas pequenas definições para melhor nos localizarmos nas referidas comparações. Assim um sistema *autopoético* refere-se a estruturas com três características essenciais:

[...] são autodelimitadas, isto é, envoltas por uma membrana celular, uma pele ou uma concha que as encerra e permite ao sistema uma interação contínua com energia e materiais provenientes do mundo externo. São autogeradoras, produzem-se a si próprias, inclusive a barreira que as protege. São autoperpetuadoras, crescem, reproduzem-se, mas, quando não o fazem, usam continuamente a energia para a sustentação de sua complexidade. Estas definições têm como fonte os biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela (Margulis; Sagan, 1998, p. 31, 2002b, p. 14).

Por que introduzimos estes aspectos? A teoria traumática psicanalítica, como será esboçada a seguir, correlaciona o trauma a irrupções de quantidades energéticas em um nível tal que desconstituem o constituído, inclusive sua barreira de proteção (Freud, 1950a, 1926d). A hipótese fundamental de Freud no texto a ser comentado (1926d) é de que, no nascimento da criatura humana, por desligamento de libido narcisista do eu, certamente de um eu muito primitivo que se aproxima do eu real inicial (Freud, 1915c), origina-se a sensação de angústia vivida como um grande desequilíbrio narcisista. O eu, como *self* (si-mesmo), aproxima-se do conceito de um sistema *autopoético* e é neste sentido, pois, de



acordo com Freud (1926d), que o afeto angústia é a primeira sensação de perigo do qual o eu, como um sistema, o alerta. Trata-se do primeiro ruído de Eros vivido pelo eu. Embora possamos atribuir à pele, mucosa, fâneros e órgãos sensoriais a mesma função da membrana delimitadora dos sistemas *autopoéticos* primitivos, não é bem neste sentido que segue nossa reflexão. Na configuração progressiva do aparelho psíquico como um sistema representacional progressivamente complexo, transformando quantidades energéticas em qualidades psíquicas, formando uma verdadeira tela de proteção, “aparece triunfante a tendência originária do afastamento de quantidades” (Freud, 1950b, p. 353). É esta a hipótese de Freud (1920g) quando nos escreve que os sistemas melhor preparados devido a um sobreinvestimento de energia, enfrentam mais adequadamente o trauma do que os menos preparados. Portanto, dentro de nossa hipótese, a autopoese é uma manifestação de Eros.

Outro aspecto a ser descrito está correlacionado à ciência dos fluxos energéticos, a termodinâmica. Assim, as estruturas das quais flui a energia tendem a se organizar exatamente pela capacidade *autopoética* em crescentes complexidades (Margulis; Sagan, 2002b). Contrariamente a este aspecto, a segunda lei da termodinâmica aponta para o fato de que, apesar da origem de complexidades maiores, portanto maior organização, “a desordem (entropia) de qualquer sistema fechado tende a aumentar” (Margulis; Sagan, 2002b, p. 23). Os sistemas fechados foram os objetos de estudo da termodinâmica clássica, enquanto que a termodinâmica do não-equilíbrio concentra-se em sistemas abertos que trocam incessantemente matéria e energia com seu contexto:

[...] excetuada a entrada de meteoritos, o complexo sistema da vida na terra, a biosfera, é fechado: os raios cósmicos e a radiação solar penetram no sistema, porém não a matéria em geral. Os organismos individuais, em contraste, são abertos ao fluxo de energia e matéria [...], portanto, somos não apenas energética e materialmente abertos, mas também abertos em termos de informações. Para perdurarmos evolutivamente, abrimo-nos para novos genes (Margulis; Sagan, 2002b, p. 24-25).

Poderíamos acrescentar que todo edifício psicanalítico repousa na constituição do eu, no sentido de *self* (si-mesmo), isto é, constituído pela inter-relação do eu, id e supereu, através de complexidades narcisistas crescentes estabelecidas fundamentalmente pela relação do eu com o outro contextual, fato básico expressado na teoria das identificações (Freud 1921c, 1923b).

A termodinâmica do não-equilíbrio foi a primeira ciência da complexidade.



Uma das suas figuras exponenciais, o belga Ilya Prigogine (Margulis; Sagan, 2002b), descreve as mais primitivas estruturas dissipativas, sistemas próximos dos biológicos, que possuem uma memória rudimentar e que dissipam energia. Estas organizações têm uma expectativa de existência muito curta, se comparadas às células bacterianas rudimentares, exatamente pela dissipação de sua energia organizada. Mas o fenômeno da dissipação é comum a todas as estruturas vivas:

[...] a dissipação, a depleção e a debilitação progressiva até a estase, a direção assimétrica formalizada pela segunda lei, talvez sejam o ponto de destino do universo, mas, paradoxalmente, no processo de chegar lá, ele é capaz de produzir estruturas de complexidade crescentes e não decrescentes (Margulis; Sagan, 2002b, p. 25-26).

Interessante é a descrição de sistemas isolados. Nestes ocorrem o fechamento à troca de matéria e energia com seu contexto. São chamados de sistemas adiabáticos, pois tendem a ficar estagnados: “A extrapolação da tendência dos sistemas isolados a ‘perecer’ levou à idéia de morte térmica do universo” (Margulis; Sagan, 2002b, p. 25-27). Seria uma extrapolação ousada inferirmos que, quando o eu se entrega à morte, por ação de Tântatos, assemelha-se a estes sistemas adiabáticos que se desvinculam do seu contexto? Note-se que a partir destes sistemas adiabáticos, nos quais não ocorre a entropia, estabeleceu-se a ideia de “que tais sistemas isolados tendem a perecer” exatamente por seu isolamento e porque consomem-se a si mesmos (Margulis; Sagan, 2002, p. 25). Então, a desordem inevitavelmente se associa à ordem num par antitético em permanente movimento. Podemos, portanto, supor que, quando a desordem não é *projetada* ao exterior, anulando-se o par antitético, esta desordem pode vir a constituir-se na morte do sistema. Todo o descrito nos leva novamente a Freud (1924c) onde afirma que a primeira ação de Eros é a transposição do sado-masochismo original em direção aos objetos na forma de destrutividade. Portanto a maior parte da tendência à *desordem é dissipada*. Assim Freud concebe a origem da projeção e consequentemente do espaço psíquico representacional progressivamente complexo. Neste mesmo sentido é que Schrödinger (1944) perguntou-se qual a razão de os seres vivos concentrarem em si próprios uma tendência à ordem. Denominou tal fenômeno como *entropia negativa*. Assim “essas estruturas dissipativas aumentam localmente sua ordem, dissipando a energia que flui através delas, energia esta que contribui para um aumento global da desordem” (Margulis; Sagan, 2002b, p. 28-29). Com certeza, esta *tendência natural à ordem* citada há pouco é implícita aos seres vivos e vem se aperfeiçoando com a evolução das



espécies e se relaciona ao fato de que a energia desligada ou libido objetal (no sentido de dirigir-se ao objeto), introjetando sua representação objetal, tornando-a libido narcisista, liga-se e cria uma nova ordem mais complexa identificatória. De acordo com os biólogos acima citados,

[...] a matéria viva é um tipo peculiar de decompositor de gradientes, capaz de se perpetuar indefinidamente, graças à química repetitiva e informativa do DNA encerrado nas células [...], somos matéria a contemplar sua própria evolução, representamos, como seres sexuados, o cosmo a se conscientizar de sua tendência a criar e a destruir [...], e a “meta” inconsciente da natureza é chegar ao estado estacionário, ao estado de desordem máxima ou quase máxima que caracteriza a decomposição dos gradientes (Margulis; Sagan, 2002b, p. 35-36).

Notamos que o proposto acima aproxima-se do princípio de inércia conceituado nos primeiros trabalhos de Freud através de suposições de Fechner (Freud, 1950a). Portanto, e voltaremos a este assunto durante a discussão do texto de Freud de 1926, a pulsão de morte é a mais primordial, tem como princípio a inércia e se manifesta através das diversas *entropias* fusionadas das mais diferentes formas com Eros. Freud afirma: “Essas pulsões que preservam a vida foram serviçais da morte” (1920g, p. 162). Nunca esquecendo que a dissipação de entropias é também essencial para a criação de sistemas complexos através deste movimento incessante do par antitético, ordem-desordem, Eros e Tânatos.

Para os biólogos acima referidos, os diversos gradientes ou o gradiente, em sentido *lato*, é o fundamento de todo desejo vital. A meta é decompor os gradientes ou os desejos. Então, “O desejo de não ter que desejar é um objetivo inerente ao próprio desejo. *Desejo de não desejar*: esta é a fórmula que utilizamos para expressar, principalmente, nossa concepção da pulsão de morte” (Castoriades-Aulagnier, 1975, p. 46) (grifos do autor).

Margulis e Sagan em seu livro *Microcosmos* (2002a) prosseguem:

[...] uma vez originada, a vida devia ser preservada para enfrentar as mudanças. As mesmas forças de energia que estabeleciam ligações químicas cruciais eram também capazes de romper estas ligações [...], ou a vida primitiva mantinha sua integridade usando as fontes de energia e de carbono ao seu redor, ou desapareceria (p. 61).



Algumas deduções surgem desta citação. Em primeiro lugar estas estruturas primitivas que precederam a vida (os sistemas dissipativos de Prigogine), ou a formaram em seus inícios, transformaram a energia contextual, principalmente solar, em complexidades estruturais que compunham a própria essência da organização. Certamente estas organizações primitivíssimas que originaram a vida já eram em si próprias energia ligada, para usar um termo de Freud. Acrescentam os referidos autores: “Na fotossíntese, os fótons são incorporados, construindo corpos e alimentos; são eles a principal fonte energética dos dois prazeres mais elementares e naturais: o sexo e a alimentação” (Margulis; Sagan, 2002a, p. 11). Em nós humanos estes prazeres básicos se revelam, segundo Freud, através das pulsões sexuais e de autoconservação, constituintes de Eros: “Assim este masoquismo erógeno seria um resquício da antiga fase tão essencial para a vida, em que houve um amálgama entre pulsão de morte e Eros” (Freud, 1924c, p. 110). Portanto, este enlace tão fundamental para a vida, esta essência, constitui, do nosso ponto de vista, o núcleo do narcisismo do eu (eu real inicial), não sendo nada mais do que uma estrutura *autopoética* de autogeração e autoperpetuação, necessitada de uma convivência constante com o contexto. Se quiséssemos, poderíamos acrescentar que a maneira de a vida ser preservada, mantendo sua integridade através de ligações químicas cruciais de uma forma progressivamente mais complexa, seria também encontrada na assertiva de Freud através “da incessante transformação de libido de objeto em libido narcisista e de libido narcisista em libido de objeto” (1933a, p. 95). Diga-se de passagem que as enzimas que restauram o DNA traumatizado e rompido pelos raios ultravioletas são denominadas *ligases* e são fundamentais para a replicação do primeiro e “quando, em desespero, o conserto e integração do DNA da própria célula só foram possíveis mediante a integração de DNA de terceiros, evoluiu a sexualidade” (Margulis; Sagan; 2002b, p. 52-55). Certamente estas considerações sobre o narcisismo como uma troca incessante de libido de objeto e libido narcisista estão distantes das primeiras assertivas de Freud do narcisismo como uma *fase* evolutiva entre o autoerotismo e o amor objetal (Freud, 1911c).

Indiscutivelmente, tanto as ponderações dos biólogos como as de Freud indicam uma transformação de energia (libido) desligada em ligada criando progressivamente complexidades. Dessa forma,

[...] o sexo faz parte de uma tendência natural de misturar coisas [...], e, em nós, porém, a sexualidade está intrincadamente ligada à reprodução e, nessas condições, assume um aspecto diferente, que tanto tem a ver com a



preservação da identidade, quanto com sua destruição (Margulis; Sagan, 2002a, p. 13-14).

Assim, para muitos autores, inclusive para os biólogos citados, o fim último da sexualidade é a incorporação e recombinação genética, portanto a transformação de libido desligada em ligada, ou libido de objeto em libido narcisista. Defrontamos com umas das teses fundamentais de Freud em *Inibição, sintoma e angústia* (1926d) de que, quando estas energias ligadas se desligam, dissipam-se, o resultado é um desprendimento de energia oriunda das organizações desfeitas. Esta organização é o eu de Freud, interpondo-se e negociando permanentemente com o id e o mundo externo, e o resultado da desestruturação da libido é o primeiro sinal de perigo e tem como consequência o surgimento e percepção do afeto mais primordial: a angústia. Tal desligamento também é indispensável para a criação de novas complexidades estruturais do eu.

Seria interessante rastreamos, na evolução das espécies, o desenvolvimento deste sistema perceptivo, núcleo do eu. Esta tarefa foge ao escopo desta comunicação, porém não custa constatar que suas origens praticamente coincidem com os primórdios da vida. Assim Margulis e Sagan (2002a) afirmam:

[...] entre os micróbios que necessitavam de luz, aqueles dotados de motilidade tinham a vantagem de aumentar ao máximo sua exposição. Teve início, então, o comportamento. Mesmo naqueles tempos tão remotos, os microorganismos desenvolveram uma combinação de movimentos e sistema simples de percepção química para detectar alimentos e evitar substâncias tóxicas (p. 67-68).

Estavam instituídas e geneticamente herdadas as pulsões de autoconservação, também chamadas de pulsões do eu, um dos pilares de Eros. Certamente não poderíamos falar em angústia, mas esta última não seria constituída sem aquela.

É interessante como Freud ressalta a importância da descarga libidinal como um dos fatores que tornam a libido disponível para a percepção e autoconservação. O fato de a libido ser disponível não ocorreria sem que existisse um sistema *autopoético* circundado por uma barreira de proteção. Podemos notar tais desenvolvimentos já presentes nas *Conferências introdutórias* (1916-7), por exemplo, na Conferência XXVI, chamada *A teoria da libido e o narcisismo*. É, entretanto, em *Inibição, sintoma e angústia* que, de uma forma mais acabada,



Freud expressa tais vínculos. Lembrando que o núcleo genuíno da angústia é a situação de perigo, ele escreve:

[...] com a experiência de um objeto exterior, apreensível pela via da percepção, pôde pôr término à situação perigosa que recorda o nascimento. O conteúdo do perigo se desloca da situação econômica a sua condição de perda de objeto. A ausência da mãe torna-se agora o perigo; o lactente dá o sinal de angústia de imediato, mesmo antes que a situação econômica ocorra. Esta mudança significa um primeiro progresso na conquista da autoconservação; simultaneamente encerra a passagem da produção involuntária e automática da angústia a sua reprodução deliberada como sinal de perigo [...], angústia que demonstra ser o produto do desamparo psíquico do lactente cujo correspondente é o desamparo biológico (Freud, 1926d, p. 130).

A passagem da produção involuntária à deliberada, desde que a mesma não fracione o sistema como um raio (Freud, 1950b) à maneira descrita da dor, estabelece este enlace tão fundamental entre energia (afeto), percepção e motilidade presentes na nossa ontogenia e inscrita de uma forma primordial no desenvolvimento das espécies. Portanto, a desordem cria a ordem.

### **Sobre inibição e sintoma**

Freud inicia este admirável trabalho (1926d) tecendo analogias e diferenças entre inibição e sintoma. Em muitos momentos os conceitos parecem se confundir. Embora Freud afirme que “nada disto é muito interessante e que fica livre ao arbítrio destacar o aspecto positivo ou negativo do processo patológico” (1926d, p. 83), algumas considerações importantes do ponto de vista metapsicológico podem ser compreendidas. O *negativo* corresponde usualmente à inibição e o *positivo* ao sintoma, dentro do presente contexto. Podem os mesmos apresentar-se superpostos. Por exemplo, ao tratar da fobia do pequeno Hans, onde Freud (1926d) refere-se ao *sintoma-inibição* diante dos cavalos.

Se o *positivo* do sintoma admite a presença do recalçamento, o *negativo* da inibição não o admite. Presenciamos tais distinções desde as primeiras comunicações de Freud. Por exemplo, na *Carta 52* (1950c):





[...] dentro de uma mesma fase psíquica, e entre transcrições da mesma variedade, põe-se em vigência uma defesa *normal* diante do desprendimento de desprazer; uma defesa *patológica*, em troca, só existe contra um resto mnêmico não traduzido de uma fase anterior [...], quando uma vivência sexual é recordada com diferença de fase, devido a um desprendimento de prazer, gera-se uma compulsão, devido a um desprendimento de desprazer, gera-se um recalçamento. Em ambos os casos a tradução aos signos da nova fase parece estar inibida (p. 275-277) (grifos do autor).

A inibição, portanto, revela-se através de uma função (tradução) como Freud propõe anos depois (1926d): “[...] a inibição se liga conceitualmente de maneira estreita à função [...], poderemos nos perguntar sobre diferentes funções do Eu a fim de averiguarmos as diferentes formas de sua exteriorização [...]” (p. 83).

A noção do *a posteriori*, presente já na *Carta 52*, aparece em 1926d, da seguinte forma:

[...] na mulher é frequente uma angústia direta frente a sua função sexual: incluímos na histeria, da mesma forma que o sintoma defensivo do asco, que originalmente se instala como uma reação, ocorrida com posterioridade (*Nachträglich*), frente ao ato sexual vivenciado passivamente que logo emerge pela representação deste (p. 84).

Portanto, o ato sexual vivenciado passivamente denota uma inibição, já o asco produzido como uma formação de compromisso revela o processo *a posteriori*, o sintoma e a presença do recalçamento. Freud, um pouco mais adiante, pergunta-se:

[...] como é possível, desde o ponto de vista econômico, que um simples processo de débito e descarga, como a retirada de investimento pré-consciente do eu, produza desprazer ou angústia que, de acordo com nossas premissas, somente poderiam ser consequência de um investimento aumentado? (1926d, p. 89).

Não seria ocioso explicarmos estas diferenças prosseguindo a linha trilhada por Maldavsky (1986) onde este, de acordo com Freud (1950b), traça uma distinção entre afetos e estados de desejo:



[...] os restos das duas variedades de vivências que temos tratado são os afetos e os estados de desejo; comum a ambos é conter uma elevação de  $Q_n$  em  $\Psi$ , no caso do afeto por desprendimento repentino, no caso do desejo, por somação [...], do estado de desejo se segue uma atração ao objeto de desejo, respectivamente seu resto mnêmico; da vivência de dor resulta uma repulsão, uma propensão a não manter investida a imagem mnêmica hostil. São estas a atração de desejo primária e a defesa primária (p. 366-367).

Não esqueçamos que os investimentos desligados (libido livre) são descarregados via *neurônios motores e secretores* em direção ao corpo. “As quantidades assim traduzidas criam um efeito muito superior a elas no quantitativo quando entram nos músculos ou nas glândulas, etc., isto é, exercem sua ação mediante *desligamento (Entbindung)*” (Freud, 1950b, p. 365). Usualmente estes desligamentos se expressam através de descargas e atos. Divisamos aqui a observação do proposto pela segunda lei da termodinâmica sobre sistemas dissipativos, onde quantidade e qualidade são pares antitéticos em permanente equilíbrio da mesma maneira que ordem e desordem. Perde-se em qualidade (ordem, complexidade psíquica) em detrimento da quantidade (desordem, descargas e atuações) do sistema. Portanto, “a formação de sintoma tem o efetivo resultado de cancelar a situação de perigo [...], através da formação substitutiva” (Freud, 1926d, p. 137), constituindo uma ordem precária através do compromisso.

## Sobre a angústia

Freud (1926d) define a angústia desta maneira:

[...] a angústia é, em primeiro termo, algo sentido [...], percebemos na angústia sensações corporais mais determinadas a certos órgãos [...], os mais frequentes e nítidos são os órgãos da respiração e do coração [...], a análise do estado de angústia nos permite distinguir então: 1) um caráter de desprazer específico; 2) ações de descarga e 3) percepções destas. Os itens 2 e 3 nos proporcionam uma diferença em relação a estados semelhantes como o luto e a dor. As exteriorizações motoras não fazem parte destes estados; quando se apresentam, separam-se de maneira nítida, não como componentes da totalidade, sim como consequências ou reações a ela (p. 125-126).



Estes aspectos em relação à semelhança e diferença entre vários estados afetivos, como angústia, dor e luto, serão revisados mais adiante. Não é ocioso lembrar que o caráter paralisante da dor tem a ver com o debilitamento do eu narcisista e a conseqüente ação da pulsão de morte, como veremos adiante.

Embora Freud (1926d) termine o capítulo IV com um *non liquet* a respeito da origem da angústia e a transposição direta da libido em angústia, comparando as fobias e a neurose atual, parece convencido de que, pelo menos nas primeiras, é o recalçamento que cria a angústia e não o contrário. Freud, um pouco mais adiante (capítulo VIII), concebe o *perigo* como um aspecto fundamental no desencadeamento da angústia. Vejamos como Freud elabora tal pensamento. Após definir a angústia como vimos acima, Freud (1926d) afirma que “estamos tentados a supor que é um fator histórico o que liga com firmeza entre si as sensações e inervações da angústia” (p. 126). No caso da ontogenia humana, o *nascimento* é o tal fator. Mas não seria apenas a angústia; *como ataques histéricos universais, típicos e congênitos*, também outros afetos seriam reproduções de sucessos antigos, *símbolos mnêmicos* filogenéticos revelados pela ontogenia. A angústia torna-se, portanto, patrimônio das espécies no desenvolvimento biológico: “[...] justamente porque a angústia necessita preencher uma função indispensável desde o ponto de vista biológico; como reação frente aos estados de perigo, pode ter sido *organizada* de maneira diversa nos diferentes seres vivos” (Freud, 1926d, p.127) (grifo do autor). Compare-se esta afirmação com a referida acima, na página 587 de Lynn Margulis e Dorion Sagan (2002a, p. 67-68).

Portanto, de acordo com os pontos de vista descritos acima, a angústia gerou-se como uma reação aos estados de perigo e sempre se repetirá diante de situações semelhantes. No nascimento emergiu como uma ação justificada, pois

[...] o feto não pode notar mais do que uma grande perturbação na economia de sua libido narcisista. Grandes somas de excitação irrompem como novas sensações de desprazer; muitos órgãos conquistam elevados investimentos, os quais são uma espécie de prelúdio aos investimentos de objeto que prontamente se iniciará (Freud, 1926d, p. 128).

Tais desprendimentos de energia possuem um valor vital indispensável. Todo este ruído inicial é expressão de Eros e, devido a esta situação, a primeira ação específica se constituirá com o investimento do sistema respiratório. Certamente esta grande quantidade de energia é fundante para que, pouco a pouco, o eu real inicial como um todo se estruture a partir dos permanentes investimentos dos órgãos e, posteriormente, das relações objetais através das inúmeras ações



específicas associadas às vivências de dor e satisfação (*eu prazer purificado*) (Freud, 1915c).

Além do mais, o grito (fundamento de toda comunicação [Freud 1950b, p. 362-363]) ficou relacionado com um ato que foi útil para aliviar um tipo particular de tensão pulsional ligada à intoxicação por asfixia e permitiu ligar esta necessidade a sua meta, isto é, permitiu o descobrimento de uma ação específica. De tal modo, o grito apareceu como um ato eficaz para a resolução da tensão pulsional, através de uma modificação endógena, e logo se recorre a ele como critério geral de descargas inespecíficas (Maldavsky, 1986, p. 137).

Acrescentaríamos, o grito e a subsequente inspiração do ar enlaçam o aparelho respiratório já somaticamente constituído. A manutenção de um mínimo ótimo de investimento é necessária para a estruturação do eu que, nos seus primórdios ontogenéticos, se revela pela conquista da transformação da angústia traumática em angústia sinal (Freud, 1926d). Não é demais lembrarmos a citação de Freud (op. cit.) que discute o deslocamento que faz o lactente da angústia primordial do nascimento para a angústia da ausência da mãe. Prossegue Freud estabelecendo uma continuidade muito “maior entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que nos faria pensar a chamativa cesura do nascimento” (op. cit., p. 131). É neste sentido que, de acordo com algumas sugestões revisadas de biólogos neste trabalho, a continuidade com a evolução das espécies nos aponta para um *continuum* de alcance incomensuravelmente maior.

### ***Nachträglichkeit*, recalque primordial e filogênese**

Sabemos da importância que o conceito de *Nachträglichkeit*, ou *après coup*, ou *a posteriori* adquiriu na teoria psicanalítica contemporânea. Vimos nas referências acima (*Carta 52*) como tais conceitos inquietavam a mente de Freud desde os primórdios da psicanálise. Tais conceitos relacionam-se não somente com o desenvolvimento individual ontogênico de cada um de nós, mas aprofundam-se no arcaico, na filogenia. Freud, na secção sobre a *Regressão dos sonhos*, no capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos* acrescenta:

[...] notamos quão acertadas são as palavras de Nietzsche: no sonho “segue atuando um antiquíssimo aspecto do humano que não pode alcançar-se por



um caminho direto”; isso nos move a esperar que, mediante a análise dos sonhos, haveremos de obter o conhecimento da herança arcaica do homem, o que há de inato em sua alma. Parece que o sonho e a neurose conservaram para nós, da antiguidade da alma, mais do que poderíamos supor, de sorte que a psicanálise pode reclamar para si um alto papel entre as ciências que se esforçam por reconstruir as fases mais antigas dos começos da humanidade (1900a, p. 542).

É inegável que todas estas questões relacionam-se com o denominado por Freud de recalque original. Assim a suposição de Freud é de que a evolução ontogenética está também constituída por uma sequência de recalques cujos restos sedimentam-se no id, não apenas individual e, sim, no id da espécie:

[...] os estados afetivos estão incorporados na vida anímica como sedimentações de antiquíssimas vivências traumáticas e, em situações parecidas, despertam como símbolos mnêmicos. Opino que não andaria descaminhado equiparando-os aos ataques histéricos, adquiridos tardia e individualmente, e considerando-os seus arquétipos normais (1926d, p. 89).

Traumas e recalques estariam, portanto, invariavelmente associados e estes *símbolos*, da mesma maneira que os ataques histéricos universais seriam reproduções traumáticas. Deparamo-nos, assim, com a extensão do conceito de *Nachträglichkeit* como assinalado acima.

Como relacionar o conceito de recalque primordial com a angústia e com o desenvolvimento destes arquétipos nomeados? De acordo com Freud (op. cit.), supõe-se que estes

[...] exercem sua ação de atração sobre a situação recente [...], e é inteiramente possível que fatores quantitativos como a intensidade hipertrófica da excitação e a ruptura da proteção contra os estímulos constituam as ocasiões imediatas dos recalques primordiais (p. 90).

Devemos, entretanto, refletir um pouco mais sobre o recalque primordial (*Urverdrängung*). Luiz Hanns, tradutor brasileiro de algumas obras de Freud, refere à guisa de tradução do *O Recalque* (1915d) que, em relação à *Urverdrängung*, sempre o prefixo *Ur-* remete a algo ancestral e não apenas originário, primário, no sentido do desenvolvimento ontogenético. É no sentido filogenético que também encontramos as palavras *Urvater* (pai primordial) e



*Urhorde* (horda primeva) (Hanns, 2004). O termo *Urphantasie* (fantasia original) não deixa dúvida quanto ao seu significado.

Façamos, entretanto, o exercício de promover, em alguns textos freudianos, a *Urverdrängung* a sua extensão filogenética. No trabalho *O Recalque* (1915d) lemos que “temos razões para supor que exista uma primeira fase do recalque, um *recalque primordial* [...]” (p. 178) (grifos do autor), mas não temos elementos para prosseguir nosso pensamento. O fato de ser apenas uma *suposição* remete-nos à afirmação de Freud contida no *O inconsciente* (1915e) sobre um momento suposto onde não existia a linguagem verbal, palco do recalque original:

[...] contudo, a explicação que demos acima sobre o mecanismo de retirada de carga de investimento pré-consciente nos traz ainda outra dificuldade, pois, no recalque original, já existe a idéia (*Vorstellung*) inconsciente que ainda não recebeu a carga do pré-consciente, de modo que não haveria carga pré-consciente a ser retirada desta representação (p. 32).

Portanto, não existem representações-palavra, a cultura não as oferece neste momento suposto da instituição deste recalque original. Não esqueçamos que, neste mesmo texto (1915e), Freud, cotejando o conceito de inconsciente com a apreensão da realidade segundo Kant, nos adverte para não confundirmos o processo psíquico inconsciente com sua apreensão pela percepção das representações pela consciência. Um pouco depois (1915e), Freud acrescenta:

[...] em resumo, poderíamos comparar o conteúdo do Inconsciente a uma população psíquica ancestral. Se for verdade que há no homem formações psíquicas herdadas, talvez semelhantes ao instinto (*Instinkt*) animal, elas seriam o cerne do *Inconsciente* (p. 44).

Penso já estarmos em condições de estabelecer um nexos compreensivo entre as afirmações de Freud um pouco acima, onde ele nos dirige a atenção aos recalques primordiais, no plural, e aos estados afetivos que emergem como símbolos mnêmicos de antiquíssimas vivências traumáticas sedimentadas no instinto (*Instinkt*) da espécie. Se a filogênese revela sucessões de existências-eu, revelaria também sucessões de recalques originais conquistados com a evolução das espécies:

Nesse sentido, o id herdado abrigaria os restos de incontáveis existências-eu e, ao extrair o super-eu do Id, o eu talvez esteja apenas trazendo à luz



formações de eu mais antigas, de certa forma, propiciando-lhes uma ressurreição (Freud, 1923b, p. 96).

Para Margulis e Sagan (2002b), “A vida nunca esquece seus ancestrais”. Prossigamos, entretanto. No texto da *História de uma neurose infantil (O homem dos lobos)*, Freud nos remete aos

[...] esquemas (*Schema*) congênitos que, por via filogenética, como categorias filosóficas, procuram organizar as impressões vitais. Sustentaria a concepção de que são precipitados da história da cultura humana. O complexo de Édipo [...] é o exemplo melhor conhecido dessa classe. Onde as vivências não se ajustam ao esquema, chega-se a uma refundição das mesmas na fantasia cuja obra certamente seria muito proveitoso estudar em detalhe [...] as contradições do vivenciar em relação aos esquemas parecem aportar uma rica tela aos conflitos infantis (1918b, p. 108-109) (grifos do autor).

Uma das hipóteses que poderíamos traçar, seguindo a sugestão de Freud, é que, quando o vivenciar da ontogenia não elabora adequadamente a filogenia, de alguma forma emergem processos traumáticos de grande magnitude que impedem a estruturação das defesas (recalques originários), cujo desenlace poderia ser o que se designa comumente como psicoses. Certamente este saber pretérito, como uma preparação para o saber individual, algo que pertence aos instintos dos animais, conteria o processamento das inúmeras situações traumáticas emergentes durante o desenvolvimento:

[...] isso instintivo seria o núcleo do inconsciente, uma atividade mental primitiva que logo a razão da humanidade, esta razão que é preciso adquirir, destrona: superpondo-se, porém, com farta frequência, talvez em todas as pessoas, conserva força suficientes para atrair para si os processos anímicos superiores (Freud, 1918b, p. 109).

Portanto, estes “recalcamentos primordiais produzidos com anterioridade exercem seu influxo de atração sobre a situação recente” (Freud, 1926d, p. 90) e, através deste processo de atração, se elabora a constante relação entre a filogenia e a ontogenia constituindo-se complexidades expressivas dos processamentos de traumas sucessivos do desenvolvimento tanto do indivíduo como da espécie.

A abrangência do processo de recalçamento adquire uma dimensão



incomensurável quando Freud se reporta à regressão a organizações instintivas pretéritas:

[...] o recalçamento seria a regressão ao estado instintivo e o ser humano pagaria, então, com sua capacidade para a neurose, esta sua grande e nova aquisição, e, com a possibilidade de neurose, atestaria a existência daquele estágio prévio regido pelo instinto. Assim o significado dos traumas da infância precoce residiria em aportar a isso inconsciente um material que o protege de ser consumido por um desenvolvimento posterior (1918b, p. 109).

Portanto, desta forma, a ontogenia revestindo a filogenia, favorecendo a elaboração traumática, protegeria o eu de ser consumido por si próprio, preservando o narcisismo conquistado.

Podemos, inclusive, lembrar aqui a proposta de Freud no *Mal-estar na cultura*, capítulo IV (1930a) sobre o recalçamento orgânico. Remete-nos a um momento da evolução da nossa espécie no qual os sentidos proximais teriam cedido espaço aos distais, isto é, o olfato teria cedido espaço aos sentidos da audição e visão, impondo uma nova estrutura a ser perpetuada pela herança através do recalçamento primordial.

Antes de terminar este capítulo, não seria ocioso retornar às distinções conceituais entre o que Freud propõe como pulsão (*Trieb*) e instinto (*Instinkt*). Tais conceitos, muitas vezes, aparecem superpostos trazendo confusões conceituais e mal-entendidos em certas aproximações metapsicológicas. É meu pensamento que devemos seguir o que propõe Luiz Hanns (2004) onde, após longa exposição sobre *Trieb* como pulsão, o termo *Instinkt* (instinto) “ênfatisa o aspecto impositivo ou imperativo da biologia sobre o comportamento” (p. 137-144).

David Maldivsky (1986) ressalta o aspecto hereditário comum a ambos os conceitos, tratando de diferenciá-los desta maneira:

1) o primeiro (*Instinkt*) põe em cada indivíduo da espécie um selo igualador; o segundo (*Trieb*), em troca, implica em diferenças. 2) o primeiro gera desenlaces, resulta estruturante, ordenador do psiquismo; o segundo constitui uma exigência de trabalho para o aparelho anímico. Além do problema de como as vivências da espécie se transformam em herança, cabe destacar que o instinto não resulta num fator esforçante e sim gerador de desenlaces psíquicos (não meramente de comportamentos) (p. 94) (grifos do autor).





Penso que, de acordo com o proposto, qualquer fenômeno vital, e não me restrinjo apenas às espécies superiores, conteria, no seu âmago, confluências destes dois vértices combinados em sínteses complexas, diversas e hereditárias. Assim Freud, usando terminologias diversas, expressou conceitos também diversos que, como vimos, fundem-se no fenômeno vital.

## Sobre o eu real inicial

Freud (1915c) refere-se claramente ao eu real inicial desta forma “Assim, deste eu real inicial, que pode diferenciar o interno do externo a partir das marcas distintivas objetivas, deriva-se agora um eu prazer purificado, que coloca a característica de prazer acima de qualquer outra” (p. 159). Certamente estas *marcas objetivas distintivas* correspondem a inúmeras ações específicas ligadas às vivências de satisfação e dor, portanto às pulsões de autoconservação e libido.

Mas, enfim, o que Freud quer dizer com esta organização primordial denominada de eu real inicial? Sigamos as sugestões de D. Maldavsky (1980):

[...] dois requisitos são necessários para que se constitua este eu real. Um deles consiste na não contradição entre investimentos de diferentes órgãos; o outro reside em que pessoas do contexto, especialmente a mãe, realizem ações específicas que satisfaçam as necessidades e não se imponham como estímulos exógenos e rompam reiteradamente a barreira de proteção contra os estímulos do infante, o que leva a falsas categorizações das percepções [...]. Existem pois, vários momentos prévios à constituição desta primeira estrutura, o Eu Real Primitivo: 1) ato reflexo; 2) preferência do mecanismo de fuga como forma de eliminação dos estímulos; 3) registro de certas sensações como endógenas; 4) enlace entre si destas sensações endógenas de tensão e alívio, de desprazer e prazer, correspondentes a diferentes órgãos em homeostase somática e investidos libidinosamente. Este último momento constitui a primeira estrutura, a do Eu Real Primitivo (p. 26-27).

O primeiro requisito é especificamente filogenético, pois esta estrutura, no nascimento como patrimônio do saber prévio, deve estar *pré-concebida*, para usar um termo de Bion (1963). Certamente, o segundo requisito corresponde à ação do meio que não deve romper a barreira de proteção contra os estímulos, provocando irrupções traumáticas graves, desconstituindo o saber prévio e não estabelecendo ou desconstituindo as concepções conquistadas alegadas por Bion.



Assim, também pensamos os vários momentos lógicos. Os aspectos enumerados em 1 e 2 são praticamente automáticos, oriundos do desenvolvimento intra-útero e deste saber prévio. Já os relatados em 3 e 4 indicam o investimento constituinte deste eu real inicial em pleno desenvolvimento.

Deste modo as vivências congênitas, herdadas e pré-individuais começam a converter-se em vivências pré-psíquicas, porém já individuais, precursoras da posterior constituição do anímico no indivíduo, e matriz dos desenvolvimentos de afetos como símbolos mnêmicos. [Portanto] põe-se de manifesto um novo requisito para que sobrevenha o matiz afetivo: que o eu do qual a libido se desprenda não seja apenas um corpo, sim uma representação-corpo, criada pela síntese das pulsões parciais juntamente com um pensar inconsciente (Maldavsky, 1986, p. 146-147).

Inúmeras reflexões podem ser acrescentadas aos assuntos de que estamos tratando. Certamente não estamos tratando da *etapa* ou *fase* narcisista descritas por Freud em 1911 e 1914 (1911c, 1914c). O narcisismo descrito aproxima-se mais do relatado no *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917[1915]), onde Freud refere-se a um estado de *narcisismo absoluto*, quando o eu retira seus investimentos da realidade ao dormir. Também em *Além do princípio do prazer* (1920g), Freud refere-se às células germinativas como tendo uma conduta *absolutamente narcisista*. Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926d) diz que o feto é *inteiramente narcisista*, pois não percebe o objeto como tal ao nascer. Claro está que Freud conclui que a situação de perigo percebida advém da percepção deste desequilíbrio narcisista sentida como angústia. O feto, portanto, ao nascer, como foi dito, carrega dentro de si a capacidade de organização perceptual do seu desenvolvimento até então, praticamente regida pela filogênese. São, portanto, os investimentos de órgãos os prelúdios de investimentos de objeto (Freud, 1926d) e o investimento do aparelho respiratório (pulmões) é o *prelúdio* do investimento da representação-mãe (Freud, 1926d). Assim “o eu é, sobretudo, um eu corporal, mas ele não é somente um ente de superfície, é também uma projeção de uma superfície” (1923b, p. 38). E é certamente esta a superfície do teatro vincular onde inúmeras ações específicas, vivências de dor e satisfação, fazem-se presentes, criando as múltiplas complexidades representacionais do eu narcisista em contínua transformação.

Podemos, entretanto, já que este também é um dos objetivos da presente reflexão, traçar analogias e estabelecer suposições com os trabalhos dos biólogos citados, suposições estas que atravessam os limites da psicanálise. Embora



precárias estas aproximações, “é preciso conviver com esta limitação” (Freud, 1923b, p. 27). Assim, a hipersexualidade encontrada nos desenvolvimentos primordiais da vida corresponde a um movimento fusional e simbiótico permanente e

[...] os exemplos mais notáveis de hipersexualidade ocorrem nas bactérias. Uma bactéria, ao penetrar em outra, cresce e se reproduz no interior desta, para sempre. As uniões permanentes entre bactérias originalmente separadas levaram a novas formas biológicas, inclusive, após centenas de milhões de anos de evolução, de todos os seres humanos. As uniões bacterianas são a base de cada célula animal do nosso corpo e de cada célula vegetal. As células que nos compõem, em outras palavras, são híbridos hipersexuais (Margulis; Sagan 2002b, p. 58).

Assim, as mitocôndrias, remanescentes de bactérias que utilizavam oxigênio, não sobrevivem se retiradas do interior das células: “Obliterada a sua individualidade, elas não conseguem viver fora do citoplasma de nossas células” (Margulis; Sagan, 2002b, p. 60). Certamente as células dependentes de oxigênio não sobreviveriam sem as referidas mitocôndrias originárias de um sexo simbiótico. O mesmo se passa com nosso complexo organismo multicelular. Não se sobrevive sem os órgãos fundamentais e os mesmos não sobrevivem sem o organismo. “A individualidade dos grandes organismos é sempre intrinsecamente complexa, resultando da integração e da perda de autonomia de mais de apenas um ancestral remotamente aparentado” (Margulis; Sagan, 2002a, p. 58-62).

A sexualidade é um fundamento vital desde Freud. Eros é a grande pulsão portadora da mesma, associada à autoconservação. Para os referidos biólogos a sexualidade tem como definição a troca de genes oriunda de duas fontes e é a resposta imediata à desintegração celular: “Quando, em desespero, o conserto e a integração do DNA da própria célula só eram possíveis mediante a integração de DNA de terceiros, evoluiu a sexualidade” (Ibid., 2002a, p. 52). Assim, antes de a vida alcançar o sexo meiótico típico dos animais com dois conjuntos de cromossomos, o sexo evoluiu da transgenia e da hipersexualidade bacteriana. Trauma e sexualidade estão, portanto, associados desde sempre: “Significativamente, quando as bactérias perdem a capacidade de reparar os danos causados pela radiação ultravioleta, é invariável perderem também toda sua capacidade sexual” (Ibid., 2002a, p. 55). Vemos, portanto, a ação da sexualidade através da evolução da vida com suas crescentes complexidades até atingir a organização da espécie humana. Nosso eu real inicial possuiu, portanto, uma longa



história de vida que, sob o prisma da nossa analogia limitada, aponta para a transgenia e a hipersexualidade bacteriana.

### **Sobre a pulsão de morte, angústia, dor e luto**

Recentemente, em 2010, uma colega psicanalista de nossa instituição, Dra. Angela Fleck Wirth, comunicou-me uma observação sobre bebês prematuros que lança alguma luz, penso, sobre os estados afetivos, angústia, dor e luto e suas relações com a pulsão de morte. Colocou-me a colega sobre sua observação de que bebês prematuros, quando submetidos a estímulos dolorosos discretos, paravam de respirar necessitando de respiração assistida. O mesmo não ocorria com bebês não prematuros que, com os mesmos estímulos, gritavam ou choravam. Esta descrição associou-se de imediato à afirmação de Freud no *Projeto de psicologia* (1950b):

[...] que a dor vá por todos os caminhos de descarga, é facilmente compreensível. Segundo nossa teoria (que Q cria facilitação), a dor deixa como seqüela em  $\Psi$  facilitações duradouras, como transpassadas por um raio; facilitações estas que possivelmente cancelem por completo as resistências da barreira de contato e estabeleçam em  $\Psi$  um caminho de condução como o existente em  $\phi$  (p. 351-352).

Uma verdadeira desconstituição de gradientes. Certamente Freud se referia às estruturas do eu adulto, porém, se nos reportarmos a bebês prematuros, fica evidente a desconstituição de registros muito primitivos. O aparelho respiratório, o primeiro enlace libidinal operacionalizado pelo eu real inicial, é desconstituído. O bebê não consegue sobreviver sem pulmão, como uma célula não consegue sem as mitocôndrias. O estímulo traumático excessivo desconstituiu a organização incipiente e o eu entrega-se paralisado à morte, sob a vigência do que Freud denomina de pulsão de morte. Margulis e Sagan, no livro *Microcosmos* (2002a), nos afirmam que

[...] não se tem conhecimento da existência de nenhum tipo de vida sem algum tipo de membrana [e que] dessa forma foram formadas as primeiras fronteiras semipermeáveis entre “interior” e “exterior”; a primeira distinção entre pertinente e não-pertinente [...] [consequentemente], antes das células, a vida e a ausência de vida podem ter sido indistinguíveis (p. 47-49).



O que pretendo dizer com isto é que, quando a estrutura é débil e o estímulo traumático, no caso o doloroso, a fragmenta, rompendo a barreira de contato, desfazendo as diferenças entre interior e exterior, propiciando a decomposição dos gradientes, restabelecendo a primazia do princípio de inércia e favorecendo a ação desimpedida da pulsão de morte sobre o eu fragilizado, trata-se de uma enorme dissipação de energia sob a forma de libido narcisista.

Talvez o grande domínio que tenha o eu real inicial com respeito aos processos de investimento (portanto enlaces narcisistas construídos durante a vida intra-uterina) seja uma condição para oferecer a possibilidade de exercer algum tipo de descarga que impeça que qualquer estímulo transforme-se em dor aniquilante.

Qual a diferença existente, pois, entre a angústia automática e a vivência de dor somática? A diferença consiste em que, enquanto na dor não há possibilidade de descarga mediante uma modificação secretora e/ou vaso motora, na angústia dita modificação se produz, porém acompanhada por sua vez de desprazer que constitui um âmagô de dor e que é correlativo do sobre-investimento de determinados órgãos e da conseguinte ruptura do equilíbrio na economia narcisista anterior (Maldavsky, 1986, p. 141).

Não esqueçamos que, para Freud (1923b), a dor é a primeira forma pela qual nós representamos o corpo e que a angústia, sendo expressão de um desequilíbrio narcisista primordial, é, também, a primeira expressão de Eros e constituinte indispensável na organização das defesas. “Não acredito que a angústia possa provocar uma neurose traumática; na angústia há algo que protege contra o terror e, portanto, também contra a neurose traumática” (Freud, 1920g, p.145-146). É desta forma que Freud se propõe reexaminar a função dos sonhos traumáticos e sua relação com a angústia:

[...] de fato, acreditamos que estes sonhos buscam resgatar a capacidade do aparelho de processar os estímulos que afluem quando do desencadeamento da angústia, processamento cuja ausência no passado foi causa da neurose traumática (Ibid., p. 156).

Portanto, nestas situações desconstitui-se o *aparelho* capaz de registrar estes estímulos, desconstitui-se o eu real inicial, que tem como uma das principais incumbências o registro e o enlace destas sensações. Todos esses assuntos foram examinados de uma forma detida por Freud desde seus escritos sobre a técnica,



especialmente o *Recordar, repetir e elaborar* (1914g), passando pela compulsão à repetição descrita no *Estranho* (1919h) e no *Além do princípio do prazer* (1920g).

*Ocorre-me uma situação vivida na minha clínica. Há 10 anos está em tratamento um senhor que se encontra atualmente com seus 50 anos. Foi-me trazido pela esposa, como se fosse uma criança. Descrevia-me, então, o que foi confirmado pelo paciente, um adoecimento precoce de seu sistema cardiorrespiratório sem que se pudesse fazer qualquer coisa que o impedisse. O que mais chamava a atenção da esposa era a relativa indiferença com que o paciente tratava toda sua sintomatologia. Suas palavras eram como se o mesmo não sentisse apreensão diante do seu adoecer. Este paciente, um executivo muito bem sucedido, é hábil no manejo de números e planejamento estratégico de instituições financeiras. Durante mais de 10 anos que comigo se encontra, teve três infartos, acidente vascular cerebral, inúmeras flebites, embolia pulmonar e outras manifestações físicas. Chama-me atenção o fato de o mesmo parecer se resignar diante das doenças, como se não as sentisse. Tive comprovação direta disto, pois dois dos infartos se processaram durante a sessão analítica. No exemplo mais notável, tendo chegado 40 minutos atrasado, pois “o trânsito estava muito congestionado”, aliás, desculpa muito frequente do paciente, e sugerindo que não tivéssemos sessão, confessou-me um pequeno desconforto precordial, o que me fez encaminhá-lo imediatamente ao centro cardiológico do hospital, não sem chamar sua esposa. Após os procedimentos cirúrgicos, descreveu-me um único sonho durante estes 10 anos: “Dirigia-se a um evento no qual receberia algumas homenagens e, olhando para meu braço, notava que o mesmo estava fraturado em dois lugares. O surpreendente era que eu não sentia dor alguma”. A interpretação era evidente. Demonstrava como o paciente percebia, ou não percebia, suas afecções somáticas. É como se perguntasse a si próprio: “infartos” (fraturas) são dolorosos? Diga-se de passagem, todos seus afetos são tratados desta forma. Atualmente, sua esposa expressa cansaço e quer divorciar-se. Não tolera mais o silêncio do paciente. Suas emoções a este respeito estão praticamente ausentes.*

Com este relato pretendemos demonstrar a quase impossibilidade deste paciente de sentir sentimentos, em particular da angústia. “Nas neuroses atuais o processo é diferente: os afetos não constituem âmagos, sim desenvolvimentos plenos, incoercíveis, em cujo caso ocorre um efeito consistente na impossibilidade do registro do matiz afetivo” (Maldavsky, 1986, p. 146). Por alguma razão, por



mim desconhecida, este registro ficou impedido de desenvolver-se neste paciente, e, muitas vezes, sentimos que sua afecção psicossomática é incoercível.

Em todo o descrito encontramos muita semelhança com o afirmado por Freud de que a dor e o luto diferenciam-se da angústia pela ausência de descarga e percepções das mesmas. Portanto, o eu, paralisado, submete-se impassível à pulsão de morte. Certamente estas situações fazem parte das “enigmáticas tendências masoquistas do eu” (Freud, 1920g, p. 140). Poderíamos também entender uma afirmação de Freud (1923b) de que, na melancolia, “no super-eu predomina uma pura pulsão de morte” (p. 60) e correlacioná-la com as descrições feitas em *Inibição, sintoma e angústia* (1926d):

[...] não deixará de ter um sentido a linguagem que criou o conceito de dor interior, anímico, equiparando inteiramente as sensações da perda de objeto à dor corporal [e] seja que o eu vivencie um caso de dor que não cessa, ou uma estase de necessidade que não encontra satisfação, a situação econômica é, em ambos os casos, a mesma, e o desamparo motor encontra sua expressão no desamparo psíquico (p. 157).

Portanto, nestas ocasiões a produção do afeto angústia é débil ou inexistente: “A sensação de desprazer que então nasce leva o caráter específico de dor (não suscetível de outra descrição), no lugar de exteriorizar-se na forma de angústia [...]” (1926d, p. 160). Examinando com um pouco mais de atenção, encontramos situações análogas às descritas, isto é, situações nas quais o eu entrega-se paralisado e passivo à morte em várias circunstâncias. Por exemplo, quando o eu, ao satisfazer suas exigências sexuais,

[...] desembaraça-se de suas substâncias sexuais, que são, por assim dizer, as portadoras saturadas de tensões eróticas [...] ocorrendo, de certa forma, uma separação entre soma e plasma germinativo. Vem daí a semelhança que se nota entre o estado que se segue a uma completa satisfação sexual e a morte. Em certas espécies inferiores, a morte, inclusive, coincide com o ato da concepção. A plena satisfação sexual desativa Eros e a pulsão de morte se vê de mãos desatadas para impor seus desígnios, de modo que, ao final do ato de reprodução, esses seres acabam morrendo (Freud, 1923b, p. 56).

Poderíamos dizer, comparando à situação humana, que estes machos “morrem de paixão”. Marguli e Sagan (2002b) afirmam que, com a introdução da



meiose como forma de reprodução, os organismos que permaneciam com a duplicidade cromossômica candidatavam-se à morte. “Estranhamente, a própria morte também evoluiu. Na verdade, foi a primeira e ainda a mais grave das doenças sexualmente transmissíveis” (Margulis; Sagan, 1998, p. 9). A ideia de que o eu possa ser consumido por enfraquecimento e perda de libido acompanha Freud desde seus primeiros trabalhos. Vemos assim, por exemplo, no *Manuscrito G, Melancolia* (1950a) estas reflexões:

[...] o rompimento das associações é sempre doloroso. Mediante uma hemorragia interna, digamos assim, origina-se um empobrecimento de excitação, da reserva disponível, que se manifesta nas outras pulsões e operações. Como inibição, este recolhimento tem o mesmo efeito de uma ferida, análoga à dor (p. 245).

Em *A Interpretação dos sonhos* (1900a), comentando sobre a necessidade da identidade perceptiva das representações internas com as que se originam da realidade para que ocorra a ação específica juntamente com a vivência de satisfação, Freud escreve:

[...] o estabelecimento da identidade perceptiva pela curta via regressiva no interior do aparelho não tem, em outro lugar, a mesma consequência que se associa com o investimento desta percepção vinda de fora. A satisfação não ocorre, a necessidade perdura. Para que o investimento interior tenha o mesmo valor que o exterior, deveria ser mantido permanentemente, como realmente sucede nas psicoses alucinatórias e nas fantasias de fome, cuja operação psíquica se esgota na retenção do objeto desejado (p. 558).

Esgota-se, portanto, o eu. Em *À guisa de introdução do narcisismo* (1914c), Freud estuda a depleção dos investimentos narcisistas observáveis na doença orgânica, na hipocondria e parafrenias e na vida amorosa entre os gêneros. Na *Psicologia das massas e Análise do eu*, discutindo a fascinação, o enamoramento e a hipnose, Freud (1921c) afirma:

[...] na hipnose existe muito de incompreendido, que poderia ser reconhecido como místico. Contém um suplemento de paralisia que provém da relação de uma pessoa de maior poder e uma impotente, desamparada. Isto nos remete à hipnose por terror nos animais (p. 109).







Em todas as situações descritas, o eu, de acordo com Freud, não reage, está inerte, indefeso diante da pulsão de morte. Uma pulsão que não encontra o objeto, que não se liga, dirigindo-se para o inapreensível, esvazia por sucção a libido narcisista do eu, sua representante de Eros, o guardião da vida psíquica e da vida em geral. Neste sentido, talvez ousássemos propor uma luz para o *non liquet* de Freud contido no final do quarto capítulo de *Inibição, sintoma e angústia* (1926d), quando discute a questão da libido e das neuroses atuais. Uma forma muito precária de enlace é o masoquismo erógeno originário, o sadomasoquismo primordial. O corpo se oferece como objeto onde os *prelúdios* não se constituíram adequadamente e também não se transformaram em relações objetais para organizar a libido narcisista em uma complexidade psíquica.

## Conclusões

Estas reflexões não visam a fazer uma ampla e mais completa possível revisão das hipóteses da biologia e da física a fim de relacioná-las com a nossa ciência, a psicanálise. Dada a significativa contribuição dos biólogos Lynn Margulis e Dorion Sagan, de nosso ponto de vista, resolvemos explorar uma ideia “apenas para saber aonde ela pode nos levar” (Freud, 1920g, p. 149). Tratam-se principalmente de reflexões teóricas que poderão ou não se comprovar empiricamente. Pensamos também que a psicanálise deve estabelecer um intercâmbio “transgênico” com outras ciências afins para incorporar “novos genes” de conhecimento e conquistar novos espaços de compreensão, como, aliás, muitos colegas já o fazem.

No final do capítulo X, de *Inibição, sintoma e angústia* (1926d), Freud descreve três condições essenciais no desencadeamento da neurose: os fatores biológicos, o filogenético e o psicológico. Certamente, a existência destes três fatores relaciona-se tanto ao ponto de vista da ontogenia quanto ao da filogenia. Todos os três fatores estão superpostos de uma forma ou outra. Como fator biológico, Freud cita, sem usar este termo, a neotenia da criatura humana em comparação com a condição de nascimento da maioria das espécies animais. Assim sendo, o ser humano está particularmente exposto a perigos internos e externos. Visualiza-se, assim, a predisposição muito particular do mesmo aos traumas, portanto a fabricar recalcações, e o destino do qual jamais o homem se liberta, o de ser amado. Quanto ao fator filogenético, refere o fenômeno particular da espécie humana, isto é, a maturação sexual em dois tempos: “Cremos que nas peripécias da espécie humana deve ter ocorrido algo importante que deixou como



sequela, na qualidade de precipitado histórico, esta interrupção do desenvolvimento sexual” (Freud, 1926d, p. 146). O terceiro fator, o psicológico, restringe-se à debilidade do eu, submetido aos seus eternos senhores: o id, o mundo externo e, poderíamos acrescentar, o supereu. Portanto este eu torna-se vítima permanente dos conflitos que estabelece com estas instâncias.

Como foi dito, estes três fatores estão superpostos e podem ser apenas deduzidos da complexidade dos fenômenos vitais presenciados. Freud jamais renunciou à ideia de que as vivências traumáticas se sedimentassem no filogênico, embora tivesse tido as mais variadas restrições da ciência biológica da época. Observe-se, por exemplo, a afirmação de Freud em *Moisés e a religião nonoteísta*:

[...] entretanto nossa situação é dificultada pela ciência biológica que não quer saber nada da herança nos descendentes de caracteres adquiridos. Nós, por nosso lado, com toda modéstia confessamos que, não obstante, não podemos prescindir deste fator no desenvolvimento biológico (1939a, p. 96).

Assim, “o corpo humano contém a autêntica história da vida na terra” (Margulis; Sagan, 2002a, p. 28). Num recente artigo os biólogos Alison Bell e Gene Robinson (2011) afirmam que as recentes descobertas no terreno da biologia ainda recebem críticas remanescentes das reações contra Lamarck por sua ideia de que as características adquiridas por uso e desuso possam ser transmitidas através das gerações. Ao lado das mudanças aleatórias produzidas por mutação, propõem uma teoria alternativa denominada *plasticidade fenotípica*, uma habilidade do genoma em responder aos estímulos contingentes, transmitida por herança através de um processo inespecífico de *assimilação genética*. Descrevem vários exemplos em espécies animais.

Qual a forma como se decantam e se compõem estas sedimentações? No que se refere à ontogenia, Freud sugere que “O fator fixador do recalçamento é a compulsão à repetição do id inconsciente, que no caso normal só é cancelada pela função livremente móvel do eu” (1926d, p. 144). Ainda resta à ciência biológica pesquisar e esclarecer o que consiste este *fator fixador*. Se a compulsão à repetição é o fator fixador do recalque, este modo de operar deve ter sido essencial à fixação da estrutura e à organização da memória na espécie humana. O recalque primordial significa que algo no desenvolvimento transformou-se em memória. Resta saber se, neste infinito *Repetir, recordar e elaborar*, nesta incessante transformação de libido de objeto em libido do eu e vice-versa, vai prevalecer o repetir ou o elaborar. Que ambos são pares antitéticos em permanente movimento e que a síntese é o



recordar, no sentido da organização da memória, tanto do eu como da espécie, é esta uma hipótese bastante plausível. De que forma tais compulsões à repetição, repetir traumas para que o eu possa se apossar dos mesmos na forma de memória, através da apropriação do aparelho para sentir sentimentos e pensar pensamentos, para que este primeiro *progresso na conquista da autoconservação* seja instituído, esta é tarefa da ciência psicanalítica e biológica. Não esqueçamos que, nesta infinita compulsão à repetição, a libido deve torna-se livre, desapagando-se do constituído, para novas conquistas do eu e da espécie. O filósofo Carlos Roberto Cirne Lima, no ensaio *Dialética para principiantes* (2002), resume desta maneira: “Na biologia a identidade iterativa aparece de forma bem específica como replicação e reprodução. Portanto, a replicação é a iteração de planos de construção iguais a si mesmos” (p. 172-174). Pergunta-se o autor como as diferenças individuais entram no plano genético da construção e responde: “Este é o grande tema de Lamarck [...], quando e como uma propriedade individual entra no plano genético da construção [...] é um dos temas que os biólogos hoje mais pesquisam” (Cirne-Lima, 2002, loc. cit.).

A sexualidade, como foi proposta, desde seus primórdios, como fator de “mistura”, desempenhou um papel fundamental nas conquistas das espécies e da vida. Quando o trauma age de forma devastadora nas organizações biológicas de qualquer natureza, a sexualidade, desde a replicação até a reprodução meiótica, estará condenada. Como vimos, as bactérias perdem a capacidade de reparar danos causados pela radiação ultravioleta, é invariável que perdem toda sua capacidade sexual. Portanto estarão condenadas a não desenvolverem complexidades. Estarão condenadas à estagnação e à morte. A dor paralisante do trauma que impede, inclusive, a compulsão à repetição, segundo Freud, condena o eu a um esvaziamento progressivo de libido antevendo sua própria morte. O eu perde seus vínculos com o mundo e consigo mesmo, resigna-se à pulsão de morte e acaba sucumbindo por uma distribuição desvantajosa de libido (Freud, 1920g).

A angústia, portanto, como sensação primordial, é um sopro vital, testemunho da presença de Eros. Profundamente aparentada e diferenciada da dor, tem no seu âmago a desconstituição dos múltiplos enlaces narcisistas, assim como a própria dor. As organizações *autopoéticas* esvaziam-se através da entropia positiva, liberando energias dissipativas, libido desligada, desfazendo gradientes e recompondo-os em maiores complexidades, libido ligada narcisista, entropia negativa. A contínua tensão entre o par dor e angústia expressa a origem comum de Eros e Tânatos. É esta a principal proposta de Freud, pelo menos do meu ponto de vista, neste complexo e instigante trabalho *Inibição, sintoma e angústia* (1926d). □



## Abstract

### **Inhibition (*Hemmung*), symptom (*Symptom*) and anguish (*Angst*): links and reflections with other sciences and Freud's works**

The author, in this article, after an introduction in which he searches for an approximation of psychoanalysis with modern biology, refers to Sigmund Freud's text, *Inhibition, symptom and anguish*. He relates, primarily, inhibition and symptom. In reference to anguish, he relates it to the Freudian concepts of *Nachträglichkeit* (*a posteriori*), primordial repression and phylogenesis. After two brief clinical vignettes, the author establishes connotations with the also, Freudian concepts of pain, mourning and death drive (Thánatos) beneath a prism of psychoanalysis relativized to biology.

Keywords: Inhibition. Symptom. Sign anguish and traumatic anguish. Death drive. Instinct. Phylogenesis. Me, of initial reality. Biology and psychoanalysis.

## Resumen

### **Inibição (*Hemmung*), sintoma (*Symptom*) y angustia (*Angst*): reflexiones y enlaces con otras ciencias y trabajos de Freud**

El autor, en este trabajo, luego de una introducción en la que busca una aproximación del psicoanálisis con la moderna biología, se refiere al texto de Sigmund Freud, *Inhibición, síntoma y angustia*. Relaciona, en primer lugar, inhibición y síntoma. En lo que se refiere a la angustia, se aproxima de los conceptos freudianos de *Nachträglichkeit* (*a posteriori*), represión primordial y filogénesis. Luego de breves viñetas clínicas, establece connotaciones con los conceptos también freudianos de dolor, luto y pulsión de muerte (Thánatos) bajo un prisma del psicoanálisis relativizado a la biología.

Palabras llave: Inhibición. Síntoma. Angustia señal y angustia traumática. Pulsión de muerte. Instinto. Filogénesis. Yo de realidad inicial. Biología y psicoanálisis.

## Referências

BELL, A.; ROBINSON, G. Behavior and the dynamic genoma. *Science*, v. 332, p. 1161-1162, jun. 2011.



- BION, W. (1963). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- CASTORIADES-AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação*. Buenos Aires: Amorrortu, 1977.
- CIRNE-LIMA, C. R. (2002). *Dialética para principiantes*. São Leopoldo: Unisinos.
- FREUD, S. (1900a). A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 4 e 5. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1911c). Sobre um caso de paranóia descrito autobiograficamente (Schreber). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1914c). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Rio de Janeiro: ESPN; Imago, 2004.
- \_\_\_\_\_. (1914g). Recordar, repetir e elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1915c). *Pulsões e destinos da pulsão*. Rio de Janeiro: ESPN; Imago, 2004.
- \_\_\_\_\_. (1915d). *O recalque*. Rio de Janeiro: ESPN; Imago, 2004.
- \_\_\_\_\_. (1915e). *O inconsciente*. Rio de Janeiro: ESPN; Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1916-7). Conferência introdutória XXVI: A teoria da libido e o narcisismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 16. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1917[1915]). *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*. Rio de Janeiro: ESPN; Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1918b). Da história de uma neurose infantil (O homem dos lobos). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 17. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1919h). O estranho. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1920g). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: ESPN; Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1921c). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1923b). *O eu e o id*. Rio de Janeiro: ESPN; Imago, v. 2, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1924c). *O problema econômico do masoquismo*. Rio de Janeiro: ESPN; Imago, v. 3, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1926d). Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 20. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1930a). O mal estar na cultura. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 21. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1933a). Novas conferências introdutórias: angústia e vida pulsional. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 22. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1939a). Moisés e a religião monoteísta. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 23. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1950a). Manuscrito G. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1950b). O projeto de psicologia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1950c). Carta 52. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- HANNS, L. A. (2004). *Comentários sobre a tradução do 'O recalque' (Freud, 1915d)*. Rio de Janeiro: ESPN; Imago, v. 1.



Roaldo Naumann Machado

---

- MALDAVSKY, D. (1980). *O complexo de Édipo positivo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1982.
- \_\_\_\_\_. (1986). *Estruturas narcisistas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- MARGULIS, L.; SAGAN, D. (1998). *O que é vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. (2002a). *Microcosmos*. São Paulo: Cultrix.
- \_\_\_\_\_. (2002b). *O que é sexo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MATURANA, H.; VARELA, F. (1981). Autopoiesis and cognition: the realization of the living. Boston Studies in the Philosophy of Science, v .42, D. Reidel Publishing. In: MARGULIS, L.; SAGAN, D. (1998). *O que é a vida?*; (2002b). *O que é sexo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- PRIGOGINE, I. Os sistemas dissipativos. In: MARGULIS, L.; SAGAN, D. (2002b). *O que é sexo*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 25-27.
- SCHRÖDINGER, E. (1944). What is life. Cambridge: Cambridge University. In: MARGULIS, L.; SAGAN, D. (2002b). *O que é sexo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- WIRTH, A. F. [Comunicação pessoal entre o autor Roaldo Naumann Machado e Angela Fleck Wirth, em 2010].

Recebido em 21/09/2011

Aceito em 11/10/2011

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

**Roaldo Naumann Machado**

Praça Dom Feliciano, 78/705

90020-160 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: roaldomachado@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA